

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

CAIO OMAR FIGUEIRÓ ALMEIDA

O VALOR PERENE DO PENSAMENTO KIERKEGAARDIANO

ANÁPOLIS – GO

2021

CAIO OMAR FIGUEIRÓ ALMEIDA

O VALOR PERENE DO PENSAMENTO KIERKEGAARDIANO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis-GO, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS – GO

2021

CAIO OMAR FIGUEIRÓ ALMEIDA

O VALOR PERENE DO PENSAMENTO KIERKEGAARDIANO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis-GO, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

Anápolis, 25 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que buscam dar sentido à sua existência. A todos que lutam contra a sociedade hedonista e contra ideologias que buscam desconstruir os valores morais e cristãos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que me concedeu faculdades e capacidades para desenvolver este trabalho, a Nossa Senhora que sempre caminha comigo e intercede por mim junto a seu filho Jesus. Agradeço de modo muito especial a minha família, na pessoa do meu pai Rosimar Antônio e da minha mãe Lourdes Coelho que sempre me apoiaram e me ensinaram a importância do estudo, rendo graças a Deus pela educação familiar que tive.

Gratidão ao Seminário Maior Diocesano Imaculado Coração de Maria, aos formadores, aos seminaristas, aos colaboradores pela contribuição proporcionada aos meus estudos. Ao *Institutum Sapientiae* que me proporcionou um ensino filosófico de qualidade, que contribuiu e contribui para o meu crescimento intelectual. À Faculdade Católica de Anápolis, na pessoa do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão, pela tutoria, ajuda e indicações para a elaboração deste trabalho.

Agradeço ainda, ao reverendíssimo Prof. Dr. Padre Titus Kieninger ORC, por me apoiar na escolha do tema e pelas luzes que contribuíram para com este escrito, por meio destes conheci de forma ampla e profunda o pensamento kierkegaardiano, que contribuiu para o meu amadurecimento na fé. Por fim, aos meus irmãos da turma, os seminaristas Wilgner Batista, Gabriel Hudson e Lucas Simão, agradeço pela amizade, por caminharem junto comigo e contribuírem para com o meu crescimento intelectual e humano. A esses o meu sincero e profundo agradecimento.

“O homem é uma síntese de finito e infinito,
temporal e eterno, liberdade e necessidade.”
(Soren Kierkegaard)

RESUMO

O respectivo trabalho tem por objetivo apresentar o valor perene do pensamento kierkegaardiano. A filosofia de Soren Kierkegaard foi construída por meio da sua própria experiência de vida, a partir desta premissa, o primeiro capítulo deste escrito trata aspectos biográficos, históricos, sociais e literários da vida de Soren Kierkegaard. O segundo capítulo apresenta o pensamento antropológico kierkegaardiano, ou seja, a ideia de homem, o existencialismo kierkegaardiano e os estágios existenciais, o estético, o ético e o religioso. O cerne deste escrito é o capítulo terceiro que aplica o pensamento kierkegaardiano na pós-modernidade, explana ainda sobre o desespero humano e apresenta o cristianismo como remédio para a crise a qual o homem pós-moderno está imerso. Por fim, este trabalho é antropológico e sociológico, e busca extrair os pontos positivos do pensamento de Soren Kierkegaard.

Palavras-chave: Kierkegaard. Homem. Existencialismo. Estágios existenciais. Pós-modernidade. Desespero. Cristianismo

RIASSUNTO

Il rispettivo lavoro mira presentare il valore perenne del pensiero kierkegaardiano. La filosofia di Soren Kierkegaard è stata costruita attraverso la sua esperienza di vita, da questa premessa, il primo capitolo di questo scritto tratta gli aspetti biografici, storici, sociali e letterari della vita di Soren Kierkegaard. Il secondo capitolo presenta il pensiero antropologico kierkegaardiano, cioè l'idea di uomo, l'esistenzialismo kierkegaardiano e le tappe esistenziali, l'estetica, l'etica e la religione. Il nucleo di questo scritto è il terzo capitolo che applica il pensiero kierkegaardiano alla post-modernità, spiega ulteriormente la disperazione umana e presenta il cristianesimo come rimedio alla crisi in cui è immerso l'uomo post-moderno. Infine, questo lavoro è antropologico e sociologico, e cerca di estrarre i punti positivi del pensiero di Soren Kierkegaard.

Parole chiave: Kierkegaard. Uomo. Esistenzialismo. Tappe esistenziali. Post-modernità. Disperazione. Cristianesimo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 KIERKEGAARD: UMA VIDA SINGULAR	11
2.1 VIDA.....	11
2.2 OBRAS.....	14
2.3 CONTEXTO HISTÓRICO.....	15
3 KIERKEGAARD: UMA ANTROPOLOGIA MODERNA	17
3.1 O EXISTENCIALISMO KIERKEGAARDIANO.....	17
3.2 A ANTROPOLOGIA KIERKEGAARDIANA.....	20
3.3 A TRILOGIA DA EXISTÊNCIA HUMANA EM KIERKEGAARD.....	22
3.3.1 O indivíduo estético.....	22
3.3.2 O indivíduo ético.....	25
3.3.3 O indivíduo religioso	27
4 KIERKEGAARD: UM PENSAMENTO PARA A PÓS-MODERNIDADE	30
4.1 A PÓS-MODERNIDADE.....	30
4.2 O HOMEM PÓS-MODERNO.....	33
4.3 O HOMEM E O DESESPERO NA VISÃO KIERKEGAARDIANA.....	34
4.4 A RELIGIOSIDADE COMO RESPOSTA.....	36
4.5 A HERANÇA KIERKEGAARDIANA.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1 INTRODUÇÃO

Soren Aabye Kierkegaard foi um singular pensador dinamarquês, que fez filosofia através de sua própria experiência de vida, foi um dos primeiros filósofos a observar que a sua época e a futura, seriam domadas por uma constante “dissolução de valores”.

A época da dissolução dos valores se desemboca em uma crise pós-moderna interminável. O homem se encontra em uma realidade em que nada se torna totalmente estável, muitas vezes se encontra perdido, não sabe para onde orientar a sua vida, se encontra situado em meio a um relativismo, que certamente é idealizado por ele mesmo.

Escrever sobre Kierkegaard, é discorrer sobre os grandes mistérios que giram em torno da existência humana. Este escrito, tem como objeto geral de estudo o pensamento existencialista kierkegaardiano. Deste modo o primeiro capítulo deste estudo está pautado totalmente aos aspectos relacionados diretamente à vida do filósofo, sejam eles, biográficos, históricos, sociais e literários.

Embasado em um contexto histórico, pessoal e social referente a Soren Kierkegaard, o segundo capítulo deste trabalho visa apresentar as visões filosóficas do dinamarquês a respeito da concepção antropológica, apresentando a ideia de homem, o existencialismo kierkegaardiano e os estágios do caminho da vida.

Partindo desta visão do homem no século XIX, compreendendo o abismo em que ele se encontrava, e tendo o cristianismo como ponto de partida, a filosofia de Soren Kierkegaard se concentra em buscar entender a vida humana em sua existência, e por meio desta compreensão, busca reconduzir o homem à verdade.

Observa-se no mundo atual uma constante crise existencial e o homem muitas vezes se encontra afogado nesta crise. É reflexo do século XXI uma confusão de valores, em meio a esta crise existencial o homem sente o desejo pela busca de respostas que o fará compreender o sentido da sua vida, de sua própria existência, é neste aspecto que o capítulo terceiro está ancorado, pois busca apresentar uma resposta para a crise pós-moderna.

Para isso o terceiro capítulo discorre em um primeiro plano sobre a pós-modernidade, a sua conceituação e as características da sociedade pós-moderna, depois aprofunda sobre o tema do desespero humano e logo em seguida apresenta o cristianismo como remédio para superar a crise pós-moderna. Deste modo o terceiro capítulo aplica o pensamento kierkegaardiano como uma alternativa para a crise pós-moderna.

2 KIERKEGAARD: UMA VIDA SINGULAR

2.1 VIDA

Søren Aabye Kierkegaard nasceu em Copenhague, Dinamarca, no dia 5 de maio de 1813. Era o filho mais novo de um rico comerciante, chamado Michael Peterson Kierkegaard e tinha como mãe Anne Soerensdatter Lund¹, seus irmãos eram seis. A rígida educação de Kierkegaard foi marcada pela ortodoxia luterana. Nos diversos escritos do autor, pode-se observar que Kierkegaard desfrutou de uma infância forçada e melancólica.

Segundo Backhouse, Soren Kierkegaard, entrou na escola em 1821, era considerado um dos melhores alunos de suas classes, porém, com uma personalidade muito singular aos demais alunos (2019, p.34). Ao terminar o colegial, Kierkegaard, a pedido do pai, e dócil à vontade do mesmo, estudou teologia, porém ao terminar a teologia em 1840, nunca se dedicou muito a este ofício.

Sendo assim se dedicou aos estudos filosóficos, concluindo o curso de filosofia em 1841, escrevendo seu doutorado sobre o conceito de Ironia, com isso fazia grande referência aos pensamentos socráticos. O seu doutorado é uma obra que traz consigo um verdadeiro confronto ao pensamento hegeliano e ao romantismo da época em que viveu. Sempre foi um amante da literatura e da filosofia, elas são as bases do seu pensamento.

No ano de 1834, Kierkegaard perde a sua mãe, fato este que o direciona a um grande esfriamento da fé. Após este acontecimento, Kierkegaard muda a sua forma de viver, sua educação cristã é abandonada ou esquecida, ele se entrega agora aos prazeres proporcionados pela literatura, pela música, e pelo teatro.

A morte de sua mãe foi um dos fatos que fizeram com que Kierkegaard se entregasse a uma vida repleta de angústia e de sofrimento (Ibid., p.49), que se tornava potencializada pelo seu temperamento melancólico. De acordo com Reale e Antiseri, a relação familiar de Kierkegaard não era nada das melhores.

A relação de Kierkegaard com o pai e com a família é uma “cruz”, uma dolorosa relação religiosa vivida sob a marca do castigo de Deus. É uma relação voltada para algo *culpável e pecaminoso*, que a divina onipotência cancelaria como tentativa malograda. E também de natureza religiosa é aquele “espinho na carne” que bloqueou a tentativa de Kierkegaard de se realizar no

¹ Michael Peterson, já havia se casado uma vez, portanto sua esposa faleceu, e pelo fato de sê-la infértil não tiveram filhos. Desposou então em um segundo casamento a sua própria doméstica, Anne Soerensdatter Lund e tiveram sete filhos (cf. REALE; ANTISERI, 2005, p. 225).

ideal ético e impediu-o de casar com Regine Olsen ou também de se tornar pastor luterano (2005, p. 225 e 226).

Entretanto, em 1838, Kierkegaard passa por uma relevante experiência espiritual que o leva a uma reconciliação com Deus e com o seu próprio pai, proporcionando-o uma conversão. Após três meses da conversão de Kierkegaard seu pai veio a óbito. As experiências que Kierkegaard teve com seu pai, foram alicerce para o filósofo buscar as verdades a respeito do cristianismo.

O pensamento de Kierkegaard foi se inclinando para buscar ajudar as pessoas a compreenderem o cristianismo. Ele sentia-se poderosamente atraído pelo cristianismo. A cultura cristã da Dinamarca já era um reflexo da atual, não era nenhum pouco autêntica ou concreta, perdida em meio a desejos temporários e pessoais.

Kierkegaard não chegou a se casar por consequência de seus vários conflitos interiores e espirituais, ficou noivo em 1837, conheceu e se apaixonou por Regine Olsen, entretanto Kierkegaard nunca se sentiu capaz de conduzir uma vida meramente normal, como todos os outros, não se sentia inclinado a se entregar totalmente a um relacionamento sério, com isso, visando seu bem próprio e o de Regine, terminou o noivado (BACKHOUSE, 2019, p.92).

De acordo com Reale e Antiseri, o motivo do rompimento do noivado de Kierkegaard e Regine é claro:

Na opinião de Kierkegaard, um *penitente*, alguém que abraçou o ideal cristão da vida, com toda aquela tremenda seriedade que o cristianismo comporta, não pode viver a tranquila existência de homem casado. Não pode aceitar o compromisso mundano e a gratificante inserção na ordem constituída. Regina não podia tornar-se sua esposa “porque Deus tinha a precedência”. E essa também é a razão por que Kierkegaard renunciou a tornar-se pastor (2005, p. 227).

No fim de sua vida, se decepcionou com os pastores das igrejas luteranas, acusava-os de mentirosos, enganadores, desonestos, acusava-os de usar a igreja como objeto de aquisições materiais, visando realizações próprias. Partindo dessa revolta, Kierkegaard afirmava que só podia tornar-se cristão quando saísse da igreja. Iniciou então uma luta contra a igreja luterana, lutando sempre pela verdade e pelo cristianismo que ele considerava verdadeiro (BACKHOUSE, 2019, p.29). Kierkegaard conclui que a maior heresia de sua época era o “brincar de cristianismo”².

Kierkegaard morre em 1855, em meio a incansável luta contra a igreja luterana da época. Backhouse narrando fatos sobre o seu sepultamento, diz que Kierkegaard, era uma figura

² Cf. REALE; ANTISERI, 2005, p. 227

singular, morreu recusando a ceia. O sepultamento de Kierkegaard foi um tanto inusitado e movimentado, pelo fato dele estar em guerra contra o cristianismo atual. O seu sepultamento na Igreja de Nossa Senhora daquela cidade, dividiu muitas pessoas. Backhouse, narrando fatos importantes ocorridos no sepultamento de Kierkegaard, cita as palavras de uma figura misteriosa, chamado Henrik Lund, que tomou a palavra e se colocou em defesa do famoso tio, disse então o jovem:

[...] Portanto, o falecido também estava certo quando, no final de sua vida, de modo tão urgente e incisivo disse o que devia ser dito, a saber, que todos, ao deixarem de participar do culto oficial a Deus como é atualmente, terão sempre um pecado a menos – e um grande pecado! – isto é, o pecado de participar em fazer Deus de bobo ao chamar de cristianismo do Novo Testamento o que não é o cristianismo do novo testamento (2019, p.29).

Após o tumultuado enterro de Kierkegaard, por ser considerado um homem rico e possuidor de muitos bens, muitos se perguntavam com quem ficaria toda a herança deixada pelo falecido. Seu sobrinho e seu irmão investigaram os pertences de Kierkegaard para encontrar algum testamento, porém sem sucesso.

Entretanto foram encontradas em seus pertences duas cartas, o conteúdo da primeira era composto por um poema escrito por Kierkegaard, poema este que o falecido desejava ter fixado em sua lápide, que trazia as expressivas palavras: “Daqui a pouco, eu vencerei. Então toda batalha vai desaparecer de uma só vez. Então eu poderei descansar nos salões de rosas, e ininterruptamente, sem cessar, falar com o meu Jesus” (Ibid., p.32).

A segunda carta poderia ser compreendida como uma espécie de testamento, onde ele expressava o carinho que tinha por Regine, sua ex-noiva, desejando que toda sua herança ficasse aos cuidados dela, se assim ela o recusasse, ela mesma deveria doar tudo aos pobres. A partir desses dois fatos, Backhouse, conclui:

Aqui havia uma dupla curiosidade. De todos os falatórios nos jornais, toda a conversa pela cidade, os desejos de sua família, as declarações de seus amigos e os pronunciamentos de seus inimigos, nenhum se estabeleceu de modo tão claro e simples no legado que o próprio homem queria deixar. Parece que esse flagelo da cristandade morreu amando Jesus, e o defensor da individualidade morreu amando Regine. Que as pessoas digam o que quiserem sobre o significado e o propósito de Soren Kierkegaard; ninguém poderia negar que sua vida, na verdade, foi singular (Ibid., p.32).

2.2 OBRAS

Suas obras foram escritas na língua dinamarquesa, o que dificultou muito a divulgação, somente em meados de 1910, com a tradução para o alemão, posteriormente ao italiano, ao francês e ao inglês, que suas obras começaram a ficar sendo conhecidas, causando grande influência na Europa.

Kierkegaard tinha um método muito singular de escrita. Se torna notório em suas obras uma espécie de produção pseudônima, a maioria delas foram escritas por meio de “pseudônimos”, ou seja, o autor se comunicava com o leitor de forma indireta, por meio de outros personagens, com isso muitos dos seus escritos eram compostos por heterônimos. A ideia de Kierkegaard ao usar pseudônimos era fazer com que o leitor se interessasse mais pela leitura e ao mesmo tempo pudesse fazer parte da mesma. Kierkegaard também escreveu algumas obras e discursos de forma direta.

De acordo com Stewart, as obras de Kierkegaard se tornaram influentes em diversos campos, seja na filosofia, na teologia, na ciência, na religião, na psicologia, na teoria literária e na estética. O fato que mais chama atenção é que elas conseguem atrair pessoas de diferentes disciplinas e muitas vezes pessoas que discordam uma da outra ou tem algum conflito de pensamento. Muitos pensadores concluem que existe algo indeterminado ou aberto nos escritos de Kierkegaard, com isso ele consegue falar a todos. Deste modo os leitores conseguem encontrar neles uma “percepção especial de suas próprias vidas e condições” (2017, p.16).

Diversas foram as obras deixadas por Kierkegaard, a título de curiosidade, dar-se-á a citação de algumas, são elas: “Dos ensaios de alguém que ainda vive (1838); O conceito de ironia (1841); O diário de um sedutor (1843); Ou isso, ou aquilo: Um fragmento de vida (1843); A repetição: Um ensaio de psicologia experimental (1843); Temor e tremor (1843); Migalhas filosóficas, ou um fragmento de filosofia (1844); Conceito de angústia (1844); Matrimônio (1844); Estágios no caminho da vida (1845); As duas eras: A era da revolução e o tempo presente – Uma resenha literária (1846); As obras do amor (1847); Discursos cristãos (1848); Dois ensaios ético-religiosos (1849); O desespero humano: Uma exposição psicológica cristã para a edificação e o despertar (1849); Prática do cristianismo (1850); Para o exame de si mesmo (1851).³

³ Cf. BACKHOUSE, 2019, p. 210-260.

2.3 CONTEXTO HISTÓRICO

O século XIX foi marcado por muitas mudanças, em vários aspectos, sejam no âmbito filosófico, histórico ou social, mudanças essas que foram reflexo da Revolução Francesa de 1789, que teve como lema: “Liberdade, igualdade e fraternidade”, ideal este que se espalhou por todo o mundo.

Pode-se ainda notar no século XIX uma rápida evolução das ciências, ou seja, uma potencialização dos métodos científicos, esse avanço era resultado do desejo que a sociedade tinha em explicar a vida através da ciência, com isso o século XIX é considerado por muitos como o início de uma nova era, marcada pelo progresso científico.

Entretanto, esse avanço científico resultou numa tremenda alteração nas ideias filosóficas do período, causando então mudança na ideia de homem e nas questões que a ele são associadas, como a ética, a política e a religiosidade, tema discutido profundamente por Kierkegaard. Além do progresso científico que estava em alta na época, em meados do século XIX surge então o romantismo⁴, com esta corrente de pensamento nota-se que a forma de ver a realidade foi modificada.

Sobre o cristianismo da época, pode-se observar que a cultura cristã na Dinamarca no século XIX, se encontrava perdida em meio a muitas ideias e movimentos, sendo assim, a Dinamarca da época se encontrava distante de alcançar uma cultura cristã monolítica. Backhouse, afirma:

Como acontece com qualquer expressão profundamente enraizada e histórica do cristianismo, a cultura cristã da Dinamarca estava longe de ser monolítica. Todas as várias permutações de liberalismo político e teológico, conservadorismo, movimentos de renovação, zelo missionário, análise racionalista, patriotismo militarista, movimentos de paz, apologética, desafios filosóficos, estudos bíblicos, acomodação cultural, devoção pessoal, dúvida, fé, esperança e amor que se podem testemunhar no mundo cristão de hoje estavam presentes na Dinamarca do século XIX. Ao longo de sua vida, Soren teria motivos para se envolver com todos esses aspectos com tudo que representavam (2019, p.52).

⁴ Designa-se com este nome o movimento filosófico, literário e artístico que começou nos últimos anos do séc. XVIII, floresceu nos primeiros anos do séc. XIX e constituiu a marca característica desse século. O significado comum do termo "romântico", que significa "sentimental", deriva de um dos aspectos mais evidentes desse movimento, que é a valorização do sentimento, categoria espiritual que a Antiguidade clássica ignorara ou desprezara, cuja força o séc. XVIII iluminista reconhecera, e que no R. adquiriu valor preponderante. Essa grande valorização do sentimento é a principal herança recebida do movimento *Sturm und Drang* (v.), que constitui a tentativa de, através da experiência mística e da fé, superar os limites da razão humana, reconhecidos pelo iluminismo (ABBAGNANO, 2000, p. 860-862).

Com tudo, foi neste contexto histórico, que Kierkegaard se fez filósofo, buscando combater as lacunas, e dar respostas que a ciência não era capaz de dar, ou até mesmo, eliminar os gargalos deixados pelo progresso científico. Kierkegaard buscava com seu pensamento apontar outros itinerários que poderiam ajudar o homem a responder as perguntas que cercam a sua existência.

Kierkegaard foi um pensador realista, partiu da realidade ao qual estava inserido, percebeu que aquela sociedade estava repleta de males, com isso dedicou seus estudos, buscando por fim, ajudar o homem a se encontrar a si mesmo, na própria realidade em que está situado e que existe. Para isso torna-se de extrema importância entender a visão de homem que pode ser extraída do pensamento kierkegaardiano.

3 KIERKEGAARD: UMA ANTROPOLOGIA MODERNA

Partindo da visão do homem no século XIX, compreendendo o abismo em que ele se encontrava, e tendo o cristianismo como ponto de partida, a filosofia de Soren Kierkegaard se concentra em buscar entender a vida humana em sua existência, e por meio desta compreensão, busca reconduzir o homem à verdade.

Afirma Malantschuck: “Kierkegaard foi um, dentre os primeiros, a ver que sua própria época e a futura seriam épocas de dissolução de valores, compreendendo como sua tarefa encontrar aquela verdade, que só ela pudesse salvar o homem da decadência espiritual” (1961, p. 9).

Kierkegaard se dedicou a apresentar a existência em seu devir, nas suas tensões estruturantes e constitutivas, nos paradoxos, e nas suas contradições. Ao pensar a existência, todavia, como um dever de encarnação, ele consegue recuperar a significação tradicional da existência cristã (FARAGO, 2011, p.74).

3.1 O EXISTENCIALISMO KIERKEGAARDIANO

O pensamento de Kierkegaard é essencialmente religioso; sua filosofia existencial é uma verdadeira e própria teologia experimental ou, melhor ainda, uma autobiografia teológica que se desdobra em uma imponente literatura (REALE; ANTISERI, 2005, p. 223)

Kierkegaard tinha uma forte inclinação para a reflexão e a análise, era considerado um homem problema para si mesmo, pois sempre se colocava a analisar os seus próprios problemas. Segundo Jolivet o que importa para Kierkegaard é “compreender-se a si mesmo e compreender-se existindo -, e se assim se proceder, ficar-se-á a compreender tudo” (JOLIVET, 1975, p.39).

Considerado o pensador mais profundo do século XIX, Soren Kierkegaard foi um filósofo que se dedicou com bastante esmero aos problemas relacionados à existência humana. Deste modo, Kierkegaard, buscou com o seu pensamento derrubar a filosofia sistemática que Hegel havia introduzido, para trabalhar a existência de forma subjetiva e concreta.

Antes de discorrer sobre o pensamento existencialista de Soren Kierkegaard, é importante frisar o conceito de existencialismo. O existencialismo⁵ tem por finalidade buscar

⁵ Costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência. Essas correntes entendem a palavra existência (v.) no significado 3º, vale dizer, como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada situação,

explicar os problemas principais da existência humana, tendo como principal objeto de estudo o homem como indivíduo singular.

Segundo Jolivet, compreender o existencialismo kierkegaardiano não é uma tarefa fácil, pelo fato de seus temas fundamentais serem muitas vezes contraditados por algumas das novas formas existencialistas. Entretanto, ainda de acordo com Jolivet, é possível apresentar os temas fundamentais de seu pensamento existencialista: “O fracasso dos sistemas, o paradoxo e o absurdo, o desespero e a angústia, o abandono do *homo naturalis* e o compromisso do *homo christianus*, o sentido do risco e o drama do indivíduo, o valor exclusivo da subjetividade e a incerteza absoluta do objetivo” (1975, p. 31).

A existência humana jamais pode ser tratada como objeto, pois é a própria origem pela qual cada ser humano experimenta, pensa e age. Todavia, o existir para o homem, não se expressa somente em ser ou ter existência empírica ou imediata, porque o homem é capaz de conhecer a sua existência, diferente dos outros seres que só existem de fato. Deste modo, a existência humana é composta de uma tarefa exigente, a de ter que devir, ou seja, edificar-se, conhecer-se (FARAGO, 2011, p. 75).

Por mais que o pensamento existencialista de Kierkegaard tenha gerado muitas reflexões contraditórias e errôneas, foram essas interpretações que deram maior visibilidade para o seu pensamento. “Sem K.Barth, sem Heidegger e Jaspers, o pensamento de Kierkegaard teria ficado parcialmente implícito ou virtual; os próprios desvios que sofreu, ao ser submetido às congeminações dos existencialistas de hoje permitem-nos aprender a sua significação original” (JOLIVET, 1975, p. 32).

O existencialismo kierkegaardiano tem por base a própria realidade existencial do filósofo, ou seja, seu pensamento parte de sua própria reflexão de vida, de sua personalidade construída no decorrer de sua vida. De fato, muitas filosofias exprimem de certo modo a personalidade do pensador, entretanto em Kierkegaard, essa ideia vai bem mais a fundo, pois, todo o seu pensamento é um real exame de consciência da sua personalidade, exame este que cada vez mais se intensifica (Ibid., p. 33).

Falar das origens do existencialismo kierkegaardiano é abordar um plural discutível. Porque, no fundo, o existencialismo kierkegaardiano só tem uma origem, que é a realidade existencial de Soren Aabye Kierkegaard, a sua

analisável em termos de possibilidade. A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se. Nessas situações, obviamente, o homem nunca é e nunca encerra em si a totalidade infinita, o mundo, o ser ou a natureza. Portanto, para o E., o termo existência tem significado completamente diferente do de outros termos como consciência, espírito, pensamento, etc, que servem para interiorizar ou, como se diz, tornar "imaneente" no homem (Abbagnano, 2000, p. 402).

personalidade concreta, o indivíduo que já era antes de se dedicar a ser unicamente «Indivíduo»- esse indivíduo que tomou o «Indivíduo» como tema central de sua doutrina (JOLIVET, 1975, p.33).

Para Kierkegaard a verdade é a própria vida que a exprime, ou seja, a verdade para Kierkegaard é a vida em ato, ela é a própria existência (Ibid., p.35). Para ele um existencialismo coerente deve buscar formar um todo com a verdade. Sobre o existencialismo kierkegaardiano, ainda afirma Jolivet: “Portanto, o existencialismo para Kierkegaard, é, antes de mais nada a forma de uma necessidade, a expressão de uma tendência tão acentuada que poderia servir para definir a sua própria personalidade” (Ibid., p.37). Farago afirma:

Diante da modernidade nascente, diante do modo febril que caracteriza a sua hiperatividade, conduzido pelo invasor processo de objetivação das ciências, diante da invasão do pensamento sistematizador, Kierkegaard resistiu, mostrando que era necessário resgatar o valor da interioridade e da subjetividade viva (2011, p.12).

De maneira geral a posição existencialista de Kierkegaard, é uma negação do racionalismo hegeliano. Kierkegaard observou que tentar explicar a realidade de forma abstrata era um verdadeiro fracasso, com isso se tornou um dos maiores críticos à filosofia hegeliana, pois o indivíduo é único e irrepitível.

O indivíduo, em sua unicidade e irrepitibilidade, não pode ser eliminado por nenhum sistema, não pode ser homologado por nenhum conceito. E eis, então, que o indivíduo põe em xeque todas as formas de imanentismo e de panteísmo com as quais se tenta reabsorver o individual no universal (REALE; ANTISERI, 2005, p. 224).

A filosofia de Kierkegaard gira em torno do existir como indivíduo. Kierkegaard, afirma: “Na espécie animal, vale sempre o princípio: o indivíduo é inferior ao gênero. Já no gênero humano prevalece a característica, precisamente porque cada indivíduo é criado à imagem de Deus, de que o indivíduo é mais elevado do que o gênero” (Ibid., p. 227).

É na questão do “indivíduo” que a crítica kierkegaardiana se potencializa a respeito da filosofia especulativa, de modo especial ao sistema hegeliano, pois Hegel se esquece da existência, ou seja, do indivíduo. Kierkegaard, afirma: “A existência corresponde à realidade singular, ao indivíduo (o que Aristóteles já ensinou): ela permanece de fora, e de qualquer forma não coincide com o conceito [...]. Um homem singular certamente não tem existência conceitual” (Ibid., p. 229).

De acordo com Kierkegaard, a filosofia especulativa erra ao não se preocupar com o existente concreto, em sua singularidade, pois só se preocupa com os conceitos gerais acerca do homem, que muitas vezes não tem fundamentos dentro dos sistemas. Para Kierkegaard, cada indivíduo é singular e existente, deve ser analisado com indivíduo particular. Com a recusa das filosofias especulativas, seja o sistema hegeliano, o panteísmo, Kierkegaard inclina seu pensamento ao cristianismo.

O ‘indivíduo’ é a categoria pela qual devem passar – do ponto de vista religioso – o tempo, a história, a humanidade [...]. Com esta categoria o ‘indivíduo’ quando aqui tudo era sistema sobre sistema, eu tomei como mira o sistema, e agora não se fala mais de sistema [...]. O ‘indivíduo’: com esta categoria subsiste ou cai a causa do cristianismo (REALE; ANTISERI, 2005, p. 229).

Conclui-se, então, que o existencialismo se tornou uma corrente essencial para a compreensão do homem do final do século XX e começo do XXI. Desta forma, o pensamento kierkegaardiano dotado de diversas questões existencialistas é de grande auxílio para a compreensão da crise existencial em que se encontra o mundo pós-moderno.

3.2 A ANTROPOLOGIA KIERKEGAARDIANA

O homem do século XIX não se sentia saciado ou satisfeito com as respostas provindas do iluminismo⁶ acerca dos temas relativos à existência humana, deste modo, a razão por si não estava sendo capaz de responder às dúvidas existenciais. Sendo assim, o homem começou a sentir um certo incômodo com a sua própria existência, o que gerou nele sentimentos de desânimo, incertezas e falta de fé, que desemboca na famosa “crise existencial”.

Desde o início da filosofia, até nos tempos atuais, o homem sempre foi um dos maiores objetos de estudo de grandes pensadores, o que não foi diferente com Kierkegaard, segundo o dinamarquês, o ser humano é um indivíduo concreto, é uma síntese de corpo e alma, e a consequência gerada por esta síntese é o espírito. “O homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é em suma, uma síntese. Uma síntese é

⁶ Linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana. Nesse sentido, Kant escreveu: "O I. é a saída dos homens do estado de minoridade devido a eles mesmos. Minoridade é a incapacidade de utilizar o próprio intelecto sem a orientação de outro. Essa minoridade será devida a eles mesmos se não for causada por deficiência intelectual, mas por falta de decisão e coragem para utilizar o intelecto como guia. *'Sapere aude!* Tem coragem de usar teu intelecto!' é o lema do I." (ABBAGNANO, 2000, p. 534-536).

a relação de dois termos. Sob este ponto de vista o eu não existe ainda” (KIERKEGAARD, 1979, p. 33).

De acordo com Farago, o fundamento da antropologia kierkegaardiana é claro e simples: “Ainda que todo homem se desenvolva com liberdade, não se cria a si mesmo a partir de nada: ele se recebe sob a forma de uma condição específica na qual está inscrita a necessidade de se arrancar da animalidade, dando-lhe como tarefa a realizar sua pessoa concreta” (2011, p. 76).

Enquanto alguns filósofos ressaltam a superioridade do homem em relação aos animais pela razão, Kierkegaard vai um pouco mais além, para o autor a estrutura antropológica do homem, além da razão apresenta outro elemento que torna o homem superior aos animais, ele afirma que a capacidade que o homem tem em se desesperar o faz maior que os animais.

Sofrer um mal destes coloca-nos acima do animal, progresso que nos distingue muito mais do que o caminhar a pé, sinal da nossa verticalidade infinita ou da nossa espiritualidade sublime. A superioridade do homem sobre o animal, está pois, em ser susceptível de desesperar, a do cristão sobre o homem natural, em sê-lo com consciência, assim como a sua bestitude está em poder curar-se. (KIERKEGAARD, 1979, p. 37).

Kierkegaard tendo uma grande perspectiva dos males que rondavam a sociedade da época, buscou com o seu pensamento ensinar o homem a encontrar a si mesmo no momento atual de sua existência. Ele se atentou de forma especial ao cristianismo verdadeiro, com isso, em sua doutrina foca na questão do homem religioso.

O ser humano é um indivíduo que tem em si, razão e emoção. Segundo Kierkegaard o simples fato de existir, as situações, as escolhas, deixa o homem imerso a situações de angústia e desespero, estas que são sintomas do sofrimento (FARAGO, 2011, p.76). O homem está a todo tempo rodeado de diversas possibilidades, está sempre em relação consigo, com Deus e com o mundo, a possibilidade está sempre em seu alcance, a todo momento está sujeito a uma nova escolha. Cada escolha feita pelo homem é dotada de uma consequência, esta que deve ser assumida por ele.

O sofrimento do homem só será superado com auxílio de uma força sobrenatural, ou seja, somente Deus, o Absoluto, pode contribuir para que o homem consiga superar as situações que a ele geram sentimentos de angústia e desespero.

O homem é de fato este ente particular na medida em que está à frente de si, na tarefa de si mesmo, perpetuamente interessado por si, voltado para os possíveis, poder ser e, no entanto, só diante de suas opções. Por seus atos o homem se determina, sai do magna das coisas enquanto impõe seu ato livre:

ele ek-siste, mantém-se fora de si mesmo, no seu projeto, sua relação com o que é (FARAGO, 2011, p.75).

3.3 A TRILOGIA DA EXISTÊNCIA HUMANA EM KIERKEGAARD

Kierkegaard considera o homem um ser de várias faces. Com os seus pseudônimos, ou seja, com sua literatura única, o pensador vai descrever os problemas existenciais que existem na subjetividade humana. A subjetividade faz com que o indivíduo conheça a trilogia dos estágios apresentada pelo dinamarquês em “Estágios no caminho da vida”⁷, ou seja, os três estágios em que o homem pode se encontrar em sua trajetória vital, que são resumidos na experiência do prazer, em uma vida responsável e aquele que opta, por meio de um salto irracional, uma vida de fé.

Três obras de Kierkegaard resumem os três estágios, são elas: Diário de um sedutor 1843 (estético), Matrimônio 1844 (ético) e Temor e tremor 1843 (religioso). Os estágios resultam ao homem determinadas condições, aquele que opta pelo prazer, está predestinado à uma vida de angústia⁸, quando se livra dos prazeres temporais e se entrega a uma vida mais responsável, sente ainda falta de algo que está ligado ao eterno e para isso busca se transcender dando um salto na fé, sendo assim a relação entre o indivíduo e a fé é o caminho para o homem se libertar da angústia e do desespero que cercam sua existência.

A vida humana está a todo momento inclinada à busca de sentido, o homem tenta encontrar o sentido de sua existência de diversas maneiras, percorrendo estágios que são para ele, uma opção de vida, que devem ser escolhidos na liberdade individual de cada pessoa humana.

3.3.1 O indivíduo estético

O homem é uma síntese de tempo e eternidade, estando os membros desta síntese ligados em perfeita relação um com o outro. Originariamente o homem seguia o eterno e se

⁷ Cf. BACKHOUSE, 2019, p.227 e 228.

⁸ A angústia é uma qualificação do espírito que sonha, e pertence como tal à Psicologia. Na vigília está posta a diferença entre meu eu e meu outro; no sono, está suspensa, e no sonho ela é um nada insinuado. A realidade efetiva do espírito se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que só pode angustiar. Mas ela não pode, enquanto apenas se mostra. O conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia, e, portanto, tenho de chamar a atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Por isso não se encontrará angústia no animal, justamente porque este em sua naturalidade não está determinado como espírito (KIERKEGAARD, 2017, p.49).

encontrava em um estado de inocência, sem o conhecimento do bem e do mal (MALANTSCHUCK, 1961, p. 19). Mesmo que o homem esteja constantemente inclinado ao elemento temporal, ele nunca poderá se distanciar totalmente do outro elemento da síntese, o eterno, pois aquele que se distancia do eterno, poderia perder sua razão e tornar-se um animal (Ibid., p. 20).

Em sua obra “O conceito de Angústia”⁹, Kierkegaard descreve o caminho que fez com que o homem se desligasse do eterno, além de percorrer a história humana, demonstrando o pecado original como fator principal para essa interruptibilidade da síntese humana, fazendo com que o homem se distancie do eterno e se fixe em seus desejos temporais (Ibid., p. 20). De acordo com Reale e Antiseri, a angústia, segundo Kierkegaard é típica do homem em relação com o mundo¹⁰.

Neste estágio o indivíduo é caracterizado pela fuga de si mesmo, não é capaz de amar a si mesmo, muito menos o outro, está a todo tempo fugindo de si, porém suas tentativas são em vão. O homem que se encontra neste estágio, ou seja, que troca tudo de valor, ou de eterno, por um prazer imediato, seja as paixões, as riquezas, as honrarias, o poder, sobretudo o prazer corpóreo, (simplificado pelo prazer sensual e erótico, etc.), está sujeito a uma vida repleta de dores.

O estágio estético coloca o homem em uma situação de beco sem saída, deixa-o sem direção, trazendo-o como consequência o desespero (FARAGO, 2011, p. 122). O estágio estético no pensamento do dinamarquês é caracterizado na relação do homem com o sexual e com o erótico: “Kierkegaard, porém, sabe que o sexual e o erótico são o domínio interior do estético, no qual a ligação do homem ao temporal surge mais forte” (MALANTSCHUCK, 1961, p. 25).

“O homem estético não pode mais do que oscilar, em angústia e desespero, entre uma felicidade e uma infelicidade sem limites” (Ibid., p. 26). O pensamento kierkegaardiano como já sabido é caracterizado por sua própria vida, ou seja, Kierkegaard também viveu o estágio estético, em uma situação de crise familiar, onde rompeu relações com o pai, se embriagou pela vida estética, alguns autores apontam que esses anos são conhecidos como “os anos da perdição de Kierkegaard”. Se embriagava, se afogava no mar dos prazeres temporais, e quando essas sensações se esgotavam, se encontrava em um profundo desespero.

⁹ Obra de Kierkegaard, escrita em 1844, teve como pseudônimo *Vigilius Haufniensis*. O livro aborda assuntos relacionados à liberdade, ao pecado original, à culpa hereditária e ao sentimento dominante de angústia, o qual *Haufniensis* acha que afeta pessoas de todos os lugares (cf. BACKHOUSE, 2019, p. 222 e 223).

¹⁰ Cf. REALE E ANTISERI, 2005, p. 233).

Em sua juventude, Kierkegaard exaltava a sua vida estética, tornando o prazer o ponto ápice da vida.

No ponto máximo da escala estética, encontra-se principalmente aquele que enxergou o vazio e o desespero do meramente estético mas não quer desligar-se, embriagando-se, pelo contrário, em seu próprio desespero. Motivados por diversas alusões no texto, podemos, com uma certa verossimilhança, concluir que esta última forma de atitude estética reproduzia muito a própria situação de Kierkegaard, no período de sua vida em que julgou ser “o mais infeliz”, antes que desse o passo decisivo na direção do religioso (MALANTSCHUCK, 1961, p. 30).

O esteta não se preocupa com o outro, para ele o outro é somente uma distração, não procura nada na vida a não ser sua própria satisfação, com isso os seus dias tornam-se breves com a infinidade dos desejos.

O reflexo do estágio estético na vida humana é a própria angústia, pois se preocupa somente com sua experiência e torna o seu existir um acaso. Além da angústia, o estágio estético impossibilita o homem de viver o eu, o distanciando da sua personalidade, o coloca como participante da massa, perdendo a sua individualidade, o único desejo ao qual ele não se preocupa é com verdade (FARAGO, 2006, p.124).

O homem imerso neste estágio, têm na morte a sua única razão de felicidade e libertação, afirma Farago:

Fazer da morte a suprema felicidade, a libertação tão almejada do “fardo” da vida como diz a consolação popular, “traí uma vida que escorre na puerilidade”, isto é, na superstição. Aquele que sustenta esta opinião é alguém cuja a vida não dominada por ele escorre na falta de sentido (2006, p. 124).

Sintetizando, o homem inicia sua vida se colocando em imersão num estágio estético, e com um grau de possibilidade em se relacionar com o eterno. Entretanto, se o homem, conduzido pela angústia diante do bem, se entrega totalmente aos prazeres e rompe qualquer ligação para com o eterno, cai sob um sub estágio, chamado o demoníaco. De acordo com Malantschuck:

O demoníaco significa que o homem sofre “angústia diante do bem”, o eterno. O homem é angustiado porque o eterno lembra-o que vive afastado da verdade. O homem demoníaco deixa-se possuir por qualquer coisa do mundo temporal, encerra-se nele e afasta-se da sua relação com o bem. O demoníaco é, deste modo, a “formação” exterior do estético (1961, p. 33).

É importante deixar claro, que para Kierkegaard, o estágio estético não é uma fase completamente vergonhosa, ou que nada deve ser aproveitado, pode ser louvável, pois quanto mais o homem desenvolve a sua sensibilidade, mais ele existe. Todavia, o homem ao se encontrar neste estado repleto de angústia, não sendo totalmente saciado pela realização de seus desejos imediatos e temporais, pode partir para a reflexão, o que pode levá-lo a abandonar sua vida esteta e dar um passo em direção a um outro estágio, a busca pela vida ética, um momento dotado de escolhas e responsabilidade, caracterizada pela figura do pai de família.

A angústia caracteriza a condição humana: quem vive no pecado se angustia pela possibilidade do arrependimento; quem vive, tendo-se libertado do pecado, vive na angústia de nele recair. Mas o importante é compreender que a angústia forma: com efeito, ela “destrói todas as finitudes, descobrindo todas as suas ilusões”. É desse modo que “Deus, que quer ser amado, desce, com a ajuda da inquietude, à caça do homem” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 233).

3.3.2 O indivíduo ético

O indivíduo ao se encontrar afogado no mar dos prazeres se desespera, com isso ele vê a necessidade de encontrar o seu “eu próprio” para assim respirar em sua existência. Por meio deste movimento, começa a rever o seu comportamento e observa a necessidade de mudar de vida e de se libertar do ciclo vicioso dos prazeres, partindo então desta inquietude, ele salta ao estágio ético.

Neste estágio da existência, o homem é caracterizado pelo seu dever e pela busca da felicidade por si mesmo, é aquele que vive de maneira responsável, comprometido com sua existência, sempre visando corresponder às leis morais que são impostas pela sociedade a qual ele está inserido (FARAGO, 2006, p.124)

O homem ético é aquele que é interno e externo ao mesmo tempo, deve-se preocupar com o seu próprio interior, ter o dever para si mesmo, mas ao mesmo tempo deve se preocupar com as regras morais da sociedade, buscando conciliar a sua vida interior com a sua vida moral. O homem ético é aquele que se decide por quem quer ser, seguindo determinada disciplina para alcançá-lo.

De acordo com Farago, “escolher eticamente é optar por si mesmo e concentrar-se, e isto optando por si mesmo no mundo sem fugir das tarefas que impõe, no lugar concreto designado a cada um” (Ibid., p.125).

O homem ao olhar para sua interioridade, tomando consciência dos valores eternos e morais, consegue formar sua personalidade, na consciência da liberdade decide por suas ações. O homem é considerado ético quando é capaz de conciliar, sua vida interior, ou seja, suas vontades com a vida em sociedade (FARAGO, 2006, p.126).

Enquanto Kierkegaard encontra um grande exemplo de homem estético no “sedutor”, a vida ética é expressa no casamento, ou seja, no esposo pai de família. O casamento é uma norma social fundamental para a existência, é uma escolha que afeta todos os âmbitos da vida do homem, é dotado de características próprias do estágio ético, como a franqueza, a sinceridade, a responsabilidade. Além do mais, o casamento explora uma dimensão espiritual, o que aproxima o homem do eterno (cf. MALANTSCHUCK, 1961, p. 43-45).

O indivíduo ético mesmo quando crê em Deus, não se enquadra ao estado do homem religioso, pois, a sua relação com Deus é muito aberta e universal, enquanto o religioso já é portador de uma relação particular e subjetiva com Deus. O Deus do ético é visto como abstrato, aquele ordenador da lei moral e dos valores morais, a relação do homem ético com divino será fruto dos seus próprios esforços.

Com isso o homem ético é considerado um indivíduo autossuficiente, e autoconfiante em si mesmo. Deste modo o homem reconhece que é capaz de errar em suas ações éticas ou morais, fazendo com que sua vida fique repleta de sentimentos de culpa, assim vai se desgastando do ser moral e se findando no desespero.

Mas sentia que também este caminho estava ameaçado de fracasso, ao procurar sua garantia do lado da norma, da generalidade sem existência incondicional, de paixão pelo infinito, correndo o perigo de se encerrar na cinzenta intemporalidade do dever e tornar-se um impedimento à plenitude da vida espiritual (FARAGO, 2006, p.125).

De acordo com Kierkegaard, este estágio não tranquiliza a existência humana, pois mesmo o homem ético pode se cansar de toda a disciplina que a ele é imposta, se cansar da responsabilidade, com isso, existem duas saídas: retornar a um estado de vida estética ou dar outro salto, desta vez, apoiado na fé, visando um estágio religioso, efetivando sua existência, aceitando o chamado do eterno.

O indivíduo vê a necessidade de dar mais um salto em sua vida existencial, é neste sofrimento que o homem busca o estágio religioso, onde entra a figura de Deus, denominada por Kierkegaard como o “Absoluto”. O estágio religioso, segundo Kierkegaard, é uma espécie de síntese dialética entre os dois últimos apresentados.

3.3.3 O indivíduo religioso

A fé é considerada por Kierkegaard como uma atitude irracional, ou seja, além de ser a última ação subjetiva de um estágio para outro, é um salto que não se dá por meio da razão, vai além da razão, pois está muito acima de qualquer comportamento racional, agora o que interessa ao indivíduo não é o prazer, nem a responsabilidade moral, mas sim a fé, fazendo então uma aliança entre o eterno e o tempo.

Somente o estágio religioso realiza a presença da eternidade no tempo, a plenitude da encarnação. Dissipam-se então as miragens do gozo, a prisão da lei abre suas grades em proveito da gratuidade do amor e a pessoa realiza em plenitude a aliança entre o tempo e a eternidade (FARAGO, 2006, p. 126).

O grande exemplo deste estágio, está nas Escrituras, na atitude de Abraão em relação ao sacrifício de seu filho Isaac (KIERKEGAARD, 1984, p.114 e 115). O “cavaleiro da fé”¹¹, vai muito além do natural, Abraão foi um autêntico modelo de fé, não é por acaso que é conhecido atualmente como o pai da fé.

Esse contexto da história de Abraão ressalta bem este estágio, pelo fato do salto que foi dado pelo protagonista, ele deixa de lado todo o agir ético e se inclina a uma vontade moralmente religiosa, que se culmina na vontade do próprio Deus, ou seja, é uma ação que vai além do racional, que é superior a própria vontade humana.

Ao realizar o sacrifício de Isaac, Abraão não pensa com a razão, não questiona a voz de Deus, simplesmente é fiel a algo que vai muito além de seu saber. “Pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé” (Ibid., p.118).

Na missão dada a Abraão é notório um paradoxo de fé, por um lado ele é submetido aos tribunais éticos, pois tentou assassinar o seu próprio filho, já em uma visão religiosa, o sacrifício de Isaac é uma comprovação da obediência do homem religioso ao pedido que é feito por Deus. De certo modo, “o homem encontra a posição religiosa através de sua tentativa infeliz de realizar por si mesmo as exigências éticas” (MALANTSCHUCK, 1961, p. 48), por meio desta infelicidade, o homem salta ao estágio religioso, como foi o caso do próprio Kierkegaard:

Kierkegaard compreendeu que, em primeiro lugar, ele precisava por romper o noivado, porque lhe faltava a condição principal para o casamento, que o ético coloca, isto é, de poderem se confiar-se inteiramente um ao outro. Kierkegaard

¹¹ Nome atribuído por Kierkegaard a Abraão.

não podia iniciar Regina nos segredos de sua vida e isto conduziu-o além do ponto de vista ético, para o religioso (MALANTSCHUCK, 1961, p. 48).

O estágio religioso, segundo Kierkegaard, é o maior dos três estágios da existência humana. Neste estágio o homem não fica preso às vontades estéticas, ou às regras morais e suas responsabilidades, ele vai além, ele comunica com o “Absoluto”, obtendo uma suprema contemplação diante de Deus. Entretanto, segundo ainda o dinamarquês, é o estágio de vida mais difícil ao homem, porém o homem sabe que é a escolha certa. “Apenas o estágio religioso permite ao homem, muito além do prazer, muito acima da lenta felicidade do dia a dia, conhecer a visita perturbadora da alegria...” (FARAGO, 2006, p. 126).

Esse estágio se resume no cristianismo, que representa o eterno se fazendo presente no temporal. Deste modo, se explica, a insistência da religião cristã em fazer com que o indivíduo tome consciência do pecado, pois alcançando essa consciência, ele conseguirá transcender ao religioso. O indivíduo tomará consciência do pecado quando se relacionar com o eterno.

É importante deixar claro que nesta etapa existencial o homem não deixa de lado as suas obrigações morais, ou as suas “responsabilidades de esposo ou pai”, porém isso não é mais o essencial, o que se torna essencial na existência do homem religioso é a sua relação com o Absoluto, que é Deus.

Kierkegaard divide este estágio em duas partes, a religiosidade “A” e a religiosidade “B”. Na primeira, “o indivíduo conhece sua ligação ao temporal e sua própria insuficiência para libertar-se dele e quer relacionar-se com as coisas através de Deus” (MALANTSCHUCK, 1961, p. 50). Nesta primeira etapa da religiosidade, o indivíduo relaciona-se com Cristo, somente como um modelo a seguir e não como o próprio Salvador, esta que pertence a segunda parte da religiosidade, a “B”. Primeiro o indivíduo começa a dar espaço em sua existência para a exigência de Deus, foi o que o próprio Kierkegaard fez ao romper o seu noivado com Regine Olsen (Ibid., p. 50).

Muitos foram os escritos de Kierkegaard que tentaram expressar o estágio religioso da existência, vale citar uma de suas coleções intitulada: “Discursos edificantes em diferente espírito”¹². Malantschuck faz uma divisão deste escrito: Na primeira parte, descreve Kierkegaard como o indivíduo, pela angústia se desprende da multiplicidade deste mundo e procura a pureza de coração, que consiste “em querer em verdade o bem”. Na segunda, numa linguagem muito acessível aprofunda no tema dos evangelhos, já na terceira parte apresenta a

¹² Cf. BACKHOUSE, 2019, p.233 e 234.

exigência cristã da imitação, acentuando o itinerário do indivíduo do imediato ao eterno (1961, p. 51 e 52).

Pode-se concluir que a existência humana tem por objetivo ir além do temporal, sendo exercício do indivíduo conhecer a relação entre o temporal e o eterno, para deste modo conduzir sua vida para o eterno e não para aquilo que se perde no temporal. Deste modo, o homem que busca se conduzir neste caminho, tem como consequência o sofrimento neste mundo, pois sofrer, como nos outros estágios inferiores, é uma das grandes características da vida religiosa.

Como recordamos, tinham os estágios inferiores uma duplicidade na disposição da vida. O homem estético tinha como objetivo o prazer e o gozo, porém, a isso o correspondia o vazio e o aborrecimento. O homem, eticamente situado, tinha a luta que lhe dava um contentamento interior. Da mesma maneira, tem também o sofrimento do estágio religioso uma contrapartida: é a alegria, uma alegria que nada e ninguém pode roubar-nos (MALANTSCHUCK, 1961, p. 52).

Kierkegaard, em sua filosofia, descreveu sua ampla visão existencial do homem no século XIX. Muito do pensamento do dinamarquês pode ser considerado atual, ou seja, pode ser aplicado à posteridade a qual ele viveu, de certa forma é um “pensamento contemporâneo”. O próximo capítulo tem a missão de aplicar o pensamento existencial de Kierkegaard na vida existencial do homem pós-moderno e tirar dele respostas que possam servir como remédio para a crise existencial desta era.

4 KIERKEGAARD: UM PENSAMENTO PARA A PÓS-MODERNIDADE

O século XIX foi marcado por grandes mudanças que atingiram diretamente o homem. Uma corrente filosófica que se destacou bem neste período foi o positivismo¹³, que teve como seus principais idealizadores os positivistas Auguste Comte e Jonh Stuart, corrente esta que se estendeu para o início do século XX. Essas mudanças foram reflexo das revoluções que a ciência e a sociedade sofreram, foi neste contexto que o pensamento de Soren Kierkegaard foi formado.

Entretanto, o pensamento do dinamarquês não teve grande influência no século em que ele viveu, somente após sua morte que seus escritos tiveram reflexões diversas e suas obras passaram a influenciar a filosofia, a teologia e várias outras áreas que se preocupam com a existência humana. O pensamento kierkegaardiano se tornou uma grande resposta para a sociedade pós-moderna e também para o homem contemporâneo. Suas reflexões existenciais tiveram e têm uma grande força neste período.

4.1 A PÓS-MODERNIDADE

Definir a pós-modernidade não é um ofício fácil, pois ela é dotada de um conceito muitas vezes relativo, ou que possui características especiais e variadas. A pós-modernidade é tida como o período onde houve diversas mudanças culturais e sociais, esse período se refere ao final do século XX e início do século XXI. A pós-modernidade, seria de certa maneira clara e simples, o período onde se findaria a modernidade.

A pós-modernidade é um conceito multifacetado que chama a nossa atenção para um conjunto de mudanças sociais e culturais profundas que estão acontecendo neste final do século XX em muitas sociedades “avançadas”. Tudo está englobado: uma mudança tecnológica acelerada, envolvendo as telecomunicações e o poder da informática, alterações nas relações políticas, e o surgimento de movimentos sociais, especialmente os relacionados com aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de competições entre os sexos (LYON, 1998, p. 7).

¹³ Este termo foi empregado pela primeira vez por Saint-Simon, para designar o método exato das ciências e sua extensão para a filosofia (De Ia religion Saint-Simonienne, 1830, p. 3). Foi adotado por Augusto Comte para a sua filosofia e, graças a ele, passou a designar uma grande corrente filosófica que, na segunda metade do séc. XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países do mundo ocidental. A característica do P. é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível (ABBAGNANO, 2000, p. 776).

Deve-se deixar claro que os termos: “*pós-modernismo*” e “*pós-modernidade*”, são dotados de diferenças em sua conceituação. Quando se fala em pós-modernismo faz-se referência a fenômenos culturais e intelectuais, com isso, interroga todas as questões fundamentais do iluminismo. Este termo traz consigo uma certa inversão de pensamento, contribui para a derrubada das estruturas de conhecimento, passando-se a se interessar mais pelo particular e não mais pelo universal. São ainda características do pós-modernismo o crescimento da TV, que substitui o livro, a passagem da palavra para a imagem, ou seja, a substituição do logocentrismo para o iconocentrismo (LYON, 1998, p. 17).

Já a pós-modernidade se refere de fato ao fim da modernidade, significa as mudanças sociais que ocorreram, e que ainda estão em processo de transformação, sendo assim, a pós-modernidade deixa claro que uma nova sociedade está se formando, com isso, surge de certa maneira, uma nova forma de compreender a vida e o mundo. Seja no pós-modernismo, ou na pós-modernidade, uma coisa é certa, existe uma primazia das tecnologias de comunicação e informação (Ibid., p. 17).

Para pensadores, como Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Jacques Derrida, Michel Foucault, pelo fato de já ser dotada de um grande avanço teológico e bastante informatizada, a sociedade, ou seja, o homem do final do século XX e início de século XIX, é considerado a figura pós-moderna. De acordo com Lyon, o avanço das tecnologias de informação e comunicação, não influenciaram somente este período, mas estão totalmente envolvidas na contínua transformação do mundo contemporâneo (Ibid., p. 80-83).

Podem ainda ser citadas como características deste período, o pensamento individualista que substitui o coletivo, com isso, se tem uma sociedade hedonista, narcisista e consumista; a grande valorização do “*Carpe Diem*” (o aqui e o agora), a subjetividade, a pluralidade, o multiculturalismo, a fragmentação e a dissolução de valores. É uma era onde realmente a sociedade se encontra fragmentada.

De acordo com Lyon, outro grande fator que potencializa este período é o próprio crescimento do consumismo. Lyon exemplifica a mudança para a cultura de consumo analisando as mudanças na *Princess Street*¹⁴ em Kingston, Ontário, perto de onde ele estava escrevendo. Ele apresenta uma relação entre o pós-moderno e a sociedade atual, afirma:

¹⁴ Uma das principais ruas de Kingston, província de Ontário, onde comerciantes, açougueiros, padeiros, fabricantes de móveis vendiam seus produtos, hoje numerosas lojas especializadas em roupas da moda, restaurantes, bares, estabelecimentos com comidas naturais, lojas de câmaras fotográficas, de computadores e de aparelhos de som, bancos, companhias de crédito e agentes de viagem exercem suas atividades (...) Cf. LYON, 1998, p. 86 e 87.

O pós-moderno é corretamente relacionado com uma sociedade em que os estilos de vida do consumidor e o consumo de massa dominam a vida de seus membros. A moda e o gosto são ecléticos – as atividades de verão em Kingston incluem de tudo, desde “Shakespeare no parque” até *Jurassic Park* no cinema, e desde windsurfe até cruzeiros em (fictícios) vapores movidos a roda. As oportunidades são ilimitadas, e a busca por novos nichos de mercado, constante. Os serviços e as indústrias de lazer são abundantes, juntamente com sinais de todos os meios imagináveis – e inimagináveis, realidade virtual. Não é de admirar que alguns sugiram que a realidade em si está agitada, solapada, a ponto de o próprio significado em si se apavorar. Igualmente, não é de admirar que a nostalgia da heroica herança das paradas militares britânicas ou da confiante confederação canadense também seja enorme (LYON, 1998, p. 87).

Analisando Princess Street, Lyon apresenta três pontos que podem denominar a sociedade pós-moderna. Em primeiro lugar ele vai dizer que o consumo, e um foco na produção de necessidades e desejo, são características básicas da pós-modernidade. Em segundo, diz que a cidade é cenário de grande mudança cultural. Num terceiro ponto ele afirma que a cultura de consumo pode ser relacionada com outros fenômenos culturais mais gerais (Ibid., p. 87 e 88).

A partir do momento em que a modernidade sai de cena e dá espaço à pós-modernidade, “as esperanças de se fixar a um único modo de ser ou a um cosmo unificado ficam reduzidas”. No âmbito religioso, tenta se impor um “imperativo herético”¹⁵, que nega a verdade absoluta e “que força a doutrina de uma pessoa a ser a dúvida de outra”. Já no âmbito científico, “as antigas certezas de método e de experimento se dissolvem à medida em que a verdade baseada na razão se desagrega” (Ibid., p. 94).

O mundo pós-moderno, em que tange a crenças e valores, perde cada vez mais sentido de coerência, tem como resultado a vertigem da relatividade e o abismo da incerteza, tudo consequência de um mundo onde a escolha reina, e o preço a ser pago por esse sentido de escolha é a hesitação, a ansiedade e a dúvida (Ibid., p. 94).

Nem a religião escapa deste mundo consumista, pois o consumismo, por meio da escolha do consumidor, pode se infiltrar na vida da Igreja. Lyon apresenta um estudo canadense de Reginald Bibby, *Fragmented Gods*, onde ele afirma que a religião “se tornou um item de consumo delicadamente embalado – assumindo seu lugar entre outras mercadorias que podem ser compradas ou rejeitadas de acordo com os caprichos de consumo de cada um” (BIBBY, 1987, apud LYON, 1998, p. 95). O cristianismo se tornou uma forma de passatempo da minoria,

¹⁵ Conceito de Peter Berger, que significa, que cada vez mais as visões religiosas tradicionais estão sujeitas ao encontro abrasivo com tendências modernas e de secularização; significa que todos os principais sistemas de crença se desintegram (Cf. LYON, 1998, p. 94 e 95).

as espiritualidades de hoje também são ancoradas nas escolhas. Em outro sentido, a heresia, torna-se muitas vezes, degraus para demonstrar a vitalidade da religião (LYON, 1998, p. 95).

A sociedade pós-moderna e consumista é dotada de pluralização e fragmentação, esse fator testa as concepções de verdade, antes a tolerância se fundava em uma única verdade, com o pluralismo, a Verdade Absoluta, começou a ser abandonada. Nesta sociedade pluralizada, até a ciência é contestada, “aceitar que não existe nenhum fundamento científico para legitimar o pensamento ou a política é parte da posição pós-moderna” (Ibid., p. 96 e 97).

Outro autor que se dedicou ao estudo da sociedade pós-moderna e suas consequências foi o polonês Zygmunt Bauman¹⁶, que definiu a sociedade a mesma como a “modernidade Líquida”. Bauman foi um ferrenho crítico ao consumismo da época, afirmava que o consumismo promete o que não pode dar: a felicidade universal. Afirmava ainda que as relações sociais deste período são efêmeras. Descentralização, fragmentação, instabilidade e multipluralidade, são características próprias da sociedade pós-moderna que o ajuda a justificar a palavra “líquida”¹⁷ que foi empregada em seu conceito (Ibid., p. 100).

O próximo tópico buscará apresentar a real situação do homem pós-moderno, ou seja, as consequências que a sociedade pós-moderna ou “líquida” causou ao homem. As mudanças sociais desse período refletem diretamente na forma em que o homem se encontra e na forma que ele deseja viver.

4.2 O HOMEM PÓS-MODERNO

Como já sabido, a pós-modernidade é caracterizada pela mudança social que ocorreu e continua ocorrendo neste período contemporâneo. O homem pós-moderno, se encontra no meio desta contínua transformação cultural e social, e ao se entregar a esta forma de vida, se perde, adentrando em uma profunda crise existencial. O homem deste período pode ser denominado como o esteta que se perde na busca de saciar os seus prazeres temporais, e não consegue de forma alguma dar um salto a um outro estágio de vida.

O homem pós-moderno perde-se nesta busca fantasiosa da felicidade. Findando-se muitas vezes no insucesso, se sente traído, pelo que acreditava ou acreditou ser a felicidade

¹⁶ Nascido em Poznan - Polônia (1925-2017), foi um filósofo e sociólogo polonês que se dedicou a explicar as relações sociais da atualidade a qual denominava “Sociedade Líquida”.

¹⁷ “Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão”. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (BAUMAN, 2001, p. 7 e 8).

universal, torna-se então, um ser fragmentado, perdendo-se em sua existência e ficando à mercê do desespero (LYON, 1998 p. 102).

Como apresentado por Kierkegaard, o homem pós-moderno não sabe muitas vezes utilizar sua liberdade para se livrar do aprisionamento proporcionado pelos prazeres. Kierkegaard viveu em uma época de “dissolução de valores”¹⁸, dissolução esta que se reflete no mundo pós-moderno. Além do consumismo e a aquisição em massa de informações, o homem pós-moderno, vive em uma época onde nada se torna estável, se encontra perdido, não sabe para onde orientar a sua vida, ou seja, se encontra situado em meio a um relativismo, que muitas vezes é idealizado por ele mesmo.

Para o homem pós-moderno, o consumismo tem muitas vezes a primazia, toda a sociedade é afetada pelo consumismo, tudo se torna mercantilizado, até mesmo o “eu” próprio. Toda a sociedade é afetada pelo consumismo (Ibid., p. 87-104). O consumismo é uma característica que predomina na modernidade, e não é diferente na pós-modernidade, ele se potencializa. O homem ao tentar saciar suas vontades e desejos, se esquece de si mesmo, se aprisiona no estágio estético da vida e não consegue dar um salto a outro estágio, tendo então como consequência, o desespero.

Para adentrar no tema do desespero é necessário compreender o que é o “eu”. Segundo Kierkegaard, o eu, é resultado da relação, ou seja, da síntese que é composta o homem:

Numa relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com respeito à alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu (KIERKEGAARD, 1979, p. 34).

4.3 O HOMEM E O DESESPERO NA VISÃO KIERKEGAARDIANA

De acordo com as reflexões de Kierkegaard, durante a vida o indivíduo tem a liberdade de viver suas escolhas, porém ao decidir ou escolher, ele deve responsabilizar-se por elas. O indivíduo ao se fechar em si mesmo vive uma crise existencial que se desemboca no desespero

¹⁸ A época da dissolução de valores, segundo Malantschuck, “é uma época onde nada se encontra absolutamente estável. O homem não tem mais uma medida de valor pela qual possa orientar a sua vida e a fé nos valores eternos dissolve-se pela ‘nivelção dos valores’ (1961, p. 10).

humano, considerado por Kierkegaard como “a doença mortal”¹⁹, ou seja, para o autor o desespero é considerado um mal maior que a morte.

Enquanto a angústia, que é típica do homem, trata da relação do mesmo com o mundo; o desespero é próprio do homem em sua relação consigo mesmo²⁰. Segundo Kierkegaard, “o desespero está, portanto, em nós; mas se não fôssemos uma síntese, não poderíamos desesperar, e tão-pouco o poderíamos se esta síntese não tivesse recebido de Deus, ao nascer, a sua firmeza” (1979, p. 39). Mas afinal, de onde provém o desespero humano? Responde Kierkegaard:

Donde vem então o desespero? Da relação que a síntese estabelece consigo própria, pois Deus, fazendo que o homem fosse esta relação, como que o deixa escapar da sua mão, de modo que a relação depende de si própria. Esta relação é o espírito, o eu, e nela jaz a responsabilidade da qual depende todo o desespero, desde que existe; (...) (1979, p.39).

O desespero humano tem duas formas, o homem pode se desesperar por não querer ser ele próprio, ou pela vontade de ser a si próprio. Seria então, dois níveis de desespero, um de nível antropológico e outro de nível teológico. Um desespero derivado da relação do eu consigo mesmo, e outro, derivado da relação do eu com outrem, ou seja, com Deus. Observa-se:

Uma relação desse modo derivada ou estabelecida é o eu do homem; é uma relação que não é apenas consigo própria, mas com outrem. Daí provem que haja duas formas do verdadeiro desespero. Se o nosso eu tivesse sido *estabelecido* por ele próprio, uma só existiria: não queremos ser nós próprios, queremos nos desembaraçar do nosso eu e não poderia existir estoutra: a vontade desesperada de sermos nós próprios. O que esta fórmula, com efeito, traduz é a dependência do conjunto da relação, que é o eu, isto é, a incapacidade de, pelas suas próprias forças, o eu conseguir equilíbrio e o repouso; isso não lhe é possível, na sua relação consigo próprio, senão relacionando-se com o que pôs o conjunto da relação. Mais ainda: esta segunda forma de desespero (a vontade de sermos nós próprios) designa tão pouco uma maneira especial de desesperar, que, pelo contrário, nela finalmente se resolve e a ela se reduz todo o desespero (Ibid., p. 34 e 35).

O verdadeiro desespero é, portanto, desesperar-se de si próprio. “O homem que desespera tem um motivo de desespero, é o que se pensa durante um momento, e só um

¹⁹ “O desespero humano ou a doença mortal”, obra escrita por Soren Kierkegaard em 1849. Esta ideia de «doença mortal» deve ser tomada num sentido particular. A letra significa um mal cujo termo é a morte, e serve então de sinônimo duma doença da qual se morre. Mas não é neste sentido que se pode designar assim o desespero; porque para o cristão, a própria morte é a passagem para a vida. Desse modo, a nenhum mal físico ele considera << doença mortal >>. A morte põe termo às doenças, mas só por si não constitui um termo. Mas uma << doença mortal >> no sentido estrito quer dizer um mal que termina pela morte, sem que após subsista qualquer coisa. E é isso o desespero. (KIERKEGAARD, 1979, p. 43).

²⁰ Cf. REALE E ANTISERI, 2005, p.233.

momento; porque logo surge o verdadeiro desespero, o verdadeiro rosto do desespero. Desesperando duma coisa, o homem desesperava de si, e logo em seguida quer libertar-se do seu eu” (KIERKEGAARD, 1979, p. 46). Deste modo, pode-se concluir, por meio do pensamento de Kierkegaard que a fórmula de todo desespero é o desejo que o homem tem em libertar de si próprio (Ibid., p.47).

O desespero é universal, todo homem tem em si o desespero, ele faz parte do homem, até mesmo, o fato de se dizer não ser desesperado já é, portanto, considerada uma forma de desespero (Ibid., p. 49 e 50).

Por ser considerado uma doença espiritual, o homem sempre se encontrará em um estado crítico, seria então o desespero, a “inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual” (Ibid., p. 53). Com isso, a grande massa da sociedade, ou dos homens da pós-modernidade, estão de certa forma doentes, vivendo sem a consciência de seu destino espiritual.

Uma das grandes intenções desse escrito é buscar no pensamento kierkegaardiano uma solução para que o homem pós-moderno consiga enfrentar a crise a qual ele está imerso. A “cura”, portanto, parte da afirmação do desespero, é preciso assumir o desespero, para então, buscar uma cura, esta que será apresentada por Kierkegaard, como a religiosidade, ou seja, a busca da “Verdade Absoluta”.

Deste modo a consciência, a consciência interior, é o fator decisivo. Decisivo sempre que se trata do eu. Ela dá a sua medida. Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá; pois que, quanto mais ela cresce, mais cresce a vontade, e haverá tanto mais eu quanto maior for a vontade. Num homem sem vontade, o eu é inexistente, mas quanto maior for a vontade, maior será nele a consciência de si próprio (Ibid., p. 59 e 60).

4.4 A RELIGIOSIDADE COMO RESPOSTA

Com as mudanças culturais, sociais e políticas, um mundo onde o consumismo, as tecnologias, as informações se potencializam cada vez mais, isso herança da modernidade, a dimensão religiosa do homem na pós-modernidade também se potencializa, cresce, mostrando, assim sua verdade, que não é corruptível. Sendo assim, a religião pode ser um grande remédio para o homem domar o seu desespero e viver em harmonia consigo mesmo (LIBÂNIO, 2002, p. 11 apud HENRIQUE, 2008, p. 78).

Segundo Kierkegaard, pelo fato de o homem ser uma síntese de finito e infinito, há somente uma maneira que levará o homem a descobrir sua verdade, para assim viver em harmonia consigo mesmo, e esta forma é se abrir a Deus, ou seja, viver na dimensão religiosa,

ou no estádio religioso, para por meio da fé²¹ se encontrar consigo mesmo (KIERKEGAARD, 1979, p. 61).

Deste modo, pode-se afirmar que existe uma grande relação entre o indivíduo e a fé, são, portanto, termos correlatos. Para o dinamarquês a fé, ou, sendo mais incisivo em seu pensamento, o fato de ser cristão, constitui o dado central da existência humana (REALE E ANTISERI, 2005, p.230).

Muitos afirmavam que a religião iria se exilar da vida das pessoas, todavia não foi o que aconteceu. A religião gira a vida do ser humano de várias maneiras, principalmente quando se fala da busca de um sentido para a vida, com isso pode-se observar nesta era pós-moderna uma certa “pluralidade” da ideia de religião.

Conclui-se então que a pós-modernidade traz em si um retorno da religião, porém, uma religião que tenta se firmar em meio a tanto neoliberalismo, uma religião que busca expressar no homem o desejo de algo além do natural, que possa oferecer paz interior, ou consigo mesmo, saciando os seus desejos existenciais (LIBÂNIO, 2002, p. 267 a 270 apud HENRIQUE, 2008, p. 77).

O homem pós-moderno, que deseja de verdade encontrar o sentido da vida e que quer realmente encontrar uma paz interior, deve ser sábio e muito incisivo para escolher uma religião que possa contribuir para o encontro consigo mesmo e com um Deus verdadeiro, para não correr o risco de se fundamentar em uma religião, como a luterana do século XIX, que tinha os seus fins invertidos, como alertou Kierkegaard²².

Aqui então entra o cristianismo como resposta. A respeito da relação entre o homem e o cristianismo, escreve Farago:

Uma comunicação existencial: exprime uma contradição própria da existência como tal. É necessário então resgatar o aspecto existencial sob a dogmática, esta mesma também paradoxal. O paradoxo absoluto é a noção contraditória do Deus-Homem, dado que existe uma diferença qualitativa absoluta entre o divino e humano. (...) Ora, o cristianismo afirma que Cristo é a figura escatológica que encarna de forma exemplar a união do divino e do humano, da eternidade e do tempo, do infinito e do finito (2011, p. 169).

²¹ Para compreender o que Kierkegaard entende pela palavra *fé*, deve-se relembrar alguns dados fundamentais próprios da Reforma, dos quais ele é um herdeiro fidelíssimo. (...) A fé constitui “a obra de Deus” no homem. A teologia protestante do século XIX, seguida pela do século XX, efetuou um resgate do motivo da fé tal qual o haviam cogitado os Reformadores, em um registro transcendental. A fé, é portanto, relativa ao momento da autoconsciência, momento transcendental absolutamente específico, momento de “dependência” e de “passividade” em face da “origem” em que o indivíduo se recebe e a partir do qual, e somente a partir do qual, existe, pensa, sabe, quer e exprime. A fé outra coisa não é senão este reconhecimento de uma presença do absoluto no coração da consciência infinita (FARAGO, 2011, p. 158 e 159).

²² Cf. FARAGO, 2011, p. 159-164.

Portanto, para Kierkegaard, existe um cristianismo verdadeiro, e tornar-se cristão neste fundamento é um remédio, pois é Deus quem dá ao homem a verdade. Segundo Kierkegaard, a fé é o caminho que permite que o eu possa encontrar-se a si mesmo, atingindo o tão esperado equilíbrio e tranquilidade de espírito, o homem deve então buscar uma conversão espiritual que o livrará da finitude. Afirma então Kierkegaard: “(...) vê-se bem que o seu caso era desespero, e que lhe falta o possível da fé para que possa, com a ajuda de Deus, salvar um eu da sua perda inevitável” (1979, p. 78).

De acordo com Farago, “aquilo que Kierkegaard chama de *o estágio religioso* e que, para ele, é a mais elevada forma de vida *é relativo à fé, não à crença*” (FARAGO, 2011, p. 173).

A relação entre o discípulo e mestre é essencial, ou seja, a relação do homem com Deus por meio da fé faz com que ele tenha consciência de si mesmo e encontre a verdade. Somente por meio da fé que o eu sendo ele mesmo torna-se transparente e se funda em Deus, tendo como consequência ser autenticamente ele mesmo e salvando-se do desespero. É o divino, causador da síntese humana que pode levar o indivíduo a tornar-se ele próprio²³.

Por que então a fé é tão importante neste processo de se libertar do desespero? Porque por meio da fé, o homem se reconhece pecador, e a consciência do pecado, ou seja, a possibilidade do arrependimento pode levar o homem a buscar uma aproximação com Deus, e ao se aproximar do autor da síntese, o homem se encontra. Aqui Kierkegaard denomina o pecado como a “não verdade”²⁴. “Pecamos quando, perante Deus ou com a ideia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós próprios. O pecado é deste modo fraqueza ou desafio elevados à suprema potência; é, portanto, condensação do desespero” (KIERKEGAARD, 1979, p. 131).

Conforme a consciência do eu vai se integralizando, o desespero vai se condensando na mesma proporção, entretanto o eu condensa-se à proporção da sua medida, e, quanto esta medida é Deus, infinitamente. Conforme o indivíduo vai tendo em si a ideia de Deus, o eu cresce do mesmo modo, da mesma forma a ideia de Deus cresce com o eu, eis então a relação de reciprocidade entre o eu e Deus. “Só a consciência de estar perante Deus faz do nosso eu concreto, individual, um eu infinito” (Ibid., p.137).

O pagão e o homem natural vivem no desespero, pois não conhecem Deus, a sua única medida é o homem humano, isso leva o homem a se perder no temporal e esquecer do eterno.

²³ Cf. FARAGO, 2011, p. 195 e 196.

²⁴ Cf. FARAGO, 2011, p. 196.

Segundo Kierkegaard pode-se afirmar que o paganismo residia no pecado, que de certa forma é a própria ignorância desesperada de Deus, no fundo é estar sem Deus no mundo (KIERKEGAARD, 1979, p. 138). É preciso ir além do temporal, é preciso uni-lo ao eterno. “Porque assim vai o mundo: começa-se a pecar por fragilidade ou fraqueza; depois – sim, depois é possível que aprendamos a recorrer a Deus e que pela sua ajuda se chegue à fé, que salva de todo pecado” (Ibid., p. 139 e 140).

Mas demasiadas vezes se esquece que o contrário do pecado de modo algum é a virtude. Esse é antes um ponto de vista pagão, que se contenta com uma medida puramente humana, ignorando o que é o pecado e que ele está sempre perante Deus. Não, o contrário do pecado é a fé; como o diz a epístola aos Romanos (14,23): Tudo o que não provém da fé, é pecado. E uma das definições capitais do cristianismo é que o contrário do pecado não é a virtude, mas sim a fé (Ibid., p. 140 e 141).

É nesta relação absoluta entre a fé e o desespero que o indivíduo é capaz de alcançar o “Absoluto”, e se consolidar em uma síntese concreta e autêntica. O cristianismo tem um único motivo, a relação entre Deus e o homem, portanto, tornar-se cristão é se encontrar com Cristo, por meio da fé. A relação do cristão com Deus gera ao homem o alcance da verdade que sacia a sua existência. Essa relação gera amor, este que fará com que o homem viva de bem consigo mesmo, com o próximo e com Deus.

Sabe que tem de ir até o extremo da dor de amar sendo incompreendido para profeticamente fazer o que diz e dizer o que faz: dar a vida pelos que ama, pro-existir, existir para, ser amor, ou seja, relação, mostrando a via do não pecado, isto é, da não separação de Deus, orientando o homem para o estado de abertura interior a Deus que fala no silêncio, orientando a vida para a verdade do seu sentido (FARAGO, 2011, p. 197).

4.5 A HERANÇA KIERKEGAARDIANA

É notório na pré-modernidade e nos tempos atuais a falta do “ser religioso” humano, o paganismo está cada vez mais se multiplicando, porém, a angústia e o desespero fazem parte do dia a dia do homem pagão, ainda mais quando olha em direção ao seu destino. O pensamento existencial de Soren Kierkegaard soa de grande auxílio para o homem não se perder em seu itinerário existencial.

Os temas de Kierkegaard, de modo especial os estágios do caminho existencial humano, a angústia, o desespero, a fé, a religiosidade e o cristianismo, mesmo sendo pensados em um século passado se torna atual e necessários para a compreensão dos problemas que giram a crise da existência desta era.

Após estudar e compreender o pensamento kierkegaardiano, pode-se concluir que nas atuais circunstâncias e nas maiorias das vezes o homem se encontra em um estágio estético da vida, onde o eterno, um dos principais elementos da síntese humana não é encontrado. O homem que vive nesse estágio inclina a sua vida aos seus desejos próprios, e se encontra preso neste ciclo temporal sem saber o porquê de sua existência e o que deve-se fazer com ela (MALANTSCHUCK, 1961, p. 20).

O esteta é a figura de um homem que vive uma vida repleta de momentos contraditórios, esperando de cada um desses momentos a realização absoluta de seu gozo, além disso, vive uma contínua fuga do pensamento reflexivo. Deste modo é aquele que vive somente para si mesmo, visando basicamente os desejos corpóreos, é considerado hedonista e se entrega aos prazeres gerados pelos sentidos, não reflete sobre si, sobre o seu futuro e suas responsabilidades próprias. Mesmo aqueles que conseguem dar um salto a um nível superior, ou seja, ao nível ético da existência, deixam de lado o fator principal, a religiosidade, a fé, o cristianismo.

Kierkegaard foi um pensador que ofereceu e ainda oferece uma grande contribuição para a compreensão do homem de hoje. Para Kierkegaard o homem é o único responsável por sua própria existência. A missão de Kierkegaard com todo o seu acervo literário tinha uma única finalidade, responder a pergunta: “como ser um verdadeiro cristão?”. O cristianismo, ou seja, Cristo é a grande resposta que o homem tenta encontrar desde o início da existência, é uma resposta incorruptível que nunca será ultrapassada.

Ele buscou a todo tempo deixar claro o “devir cristão”. Com os seus escritos, Kierkegaard cumpre sua missão, ele deposita nos leitores um desejo pela reflexão existencial, por uma reflexão de sua própria vida, acende o desejo de dar um passo além, um passo que o libertará da angústia relativa à sua relação com o mundo e do desespero de si mesmo.

Com isso os seus escritos tornaram-se essenciais para a compreensão do homem, de como ele vive e deve viver, é um grande exemplo de interioridade, virtude esta que muitas vezes faltam na sociedade hodierna. São por motivos como esses que estudar o pensamento deste filósofo do século XIX é de grande importância para os tempos atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos mencionados, conclui-se que o pensamento kierkegaardiano é único e original, pois tem origem na sua própria experiência de vida. O pensamento de Kierkegaard foi importante para o tempo em que viveu e também para os tempos posteriores, traz em si um valor perene, pelo fato de contribuir significativamente com a existência humana, apresentando respostas para os questionamentos e os problemas que cercam a vida do homem.

Este trabalho de modo geral se enquadrou em aspectos antropológicos, tendo por base alguns escritos de Soren Kierkegaard e buscou reafirmar que o homem é uma síntese de finito e infinito, temporal e eterno, liberdade e necessidade. Segundo Kierkegaard, o homem se constrói no devir em que vive, destarte, para encontrar as respostas de sua existência e viver de forma integral ele deve buscar potencializar todos os elementos da síntese da qual ele faz parte.

Além dos aspectos antropológicos, o trabalho apresentou aspectos sociológicos, buscando fazer uma comparação entre o homem do século XIX e o homem do pós-moderno. O pensamento de Kierkegaard é propriamente do século XIX, porém tem um valor especial para a pós-modernidade e também para os dias atuais.

A sociedade pós-moderna é consumista, pluralizada e fragmentada. O homem pós-moderno se encontra muitas vezes perdido em uma época de dissolução de valores, onde o relativismo é endeusado e a verdade absoluta é deixada de lado. Ele é caracterizado como o esteta, ou seja, aquele que não é capaz de dar um salto superior em sua vida, seja ele ético ou religioso, fica imerso e preso no temporal, e assim, vive angustiado e desesperado. A vida estética é incapaz de saciar o homem, seja individualmente, espiritualmente ou socialmente.

Um dos grandes diferenciais de Kierkegaard, é que diferente de muitos filósofos de seu tempo, como Hegel, Sartre, Nietzsche e companhia, ele foi um cristão que tentou de diversas formas um cristianismo autêntico, longe de interesses pessoais ou próprios, ao qual estava imersa a igreja luterana de sua época. Por ser cristão, ele conseguiu apresentar respostas para a crise que a sociedade pós-moderna está inserida, enfatizando a vida religiosa.

O homem é por natureza um ser religioso, deste modo, deve sempre buscar alcançar o eterno para assim não se perder no temporal. A grande resposta que se pode extrair do pensamento kierkegaardiano para a pós-modernidade é a religiosidade, a fé, e o cristianismo. A fé não cura o homem do desespero ou da angústia, pois estas são características próprias do ser humano segundo Kierkegaard, todavia ela é encarregada de auxiliar o homem a dar um sentido para a sua existência. O homem deve sempre buscar se relacionar com o Eterno, com o Absoluto, ou seja, com Deus que é um elemento essencial da sua síntese.

Vive-se em um período onde querem a todo custo desconstruir valores morais e cristãos que são essenciais para uma boa conduta humana. A imagem de Deus muitas vezes é reconstruída de forma errônea, pautada em interesses próprios, o que leva a grande relação da religiosidade atual com a da época em que viveu Kierkegaard. Deus é visto através de um olhar de necessidade, ou seja, só é procurado nas necessidades das pessoas, não é mais encontrado no interior das pessoas, mas fora delas.

Se o homem busca a verdade para as suas perguntas existenciais, a única forma de encontrá-las é por meio da Verdade Absoluta, que é Deus, pois Ele é aquele capaz de dar a capacidade ao homem em ver ou alcançar a verdade que almeja. Kierkegaard apresenta um cristianismo que não está preso a um estilo de vida, ou a um simples sistema, como muitas vezes é conceituado, mas um cristianismo que deve fazer parte da essência do homem, pois este é um ser religioso.

Enfim, é sabido que a existência humana é cercada por diversas perguntas, que muitas vezes não se encontram respostas. A finalidade deste escrito foi contribuir por meio de um pensamento existencialista, porém, cristão, para que o homem que busca dar sentido em sua vida possa ter um ponto de partida e entender que as verdades que ele busca está diretamente pautada em um dos elementos de sua própria síntese, ou seja, no Eterno, na Verdade Absoluta e incorruptível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BACKHOUSE, Stephen. **Kierkegaard: uma vida extraordinária**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HENRIQUE, João. **A concepção de homem no pensamento existencial de Soren Kierkegaard**. 2008. Monografia. Curso de Filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre, 2008.
- HUGO, Carlos. **A existência como possibilidade em Kierkegaard: uma crítica à Ciência da Lógica de Hegel**. 2009. Dissertação. Filosofia do Departamento de Filosofia do Centro de Ciências, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- JOLIVET, Regis. **As doutrinas existencialistas**. 4 ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.
- KIERKEGAARD, Soren. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. Os Pensadores, traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 2 ed. Editor Victor Civita. São Paulo: Abril cultural, 1984.
- KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. 6 ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.
- KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LYON, David. **A pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.
- MALANTSCHUCK, Gregor. **Introdução a obra de Kierkegaard**. Curitiba: Distribuidora Nacional de Livros, 1961.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia vol. V: Do Romantismo ao Empiriocentrismo**. São Paulo: Paulus, 2005.
- STEWART, Jon. **Soren Kierkegaard. Subjetividade, ironia e a crise da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2017.